

## **Jovens na Rede do Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro: expectativas e aspirações frente ao futuro**

Flávio Lopes Guilhon – Universidade Federal do Rio de Janeiro

[guilhon.flavio@gmail.com](mailto:guilhon.flavio@gmail.com)

Simone Ouvinha Peres – Universidade Federal do Rio de Janeiro

[ouvinhaperes@uol.com.br](mailto:ouvinhaperes@uol.com.br)

### Resumo:

Este estudo objetiva pensar o tema da juventude a partir de jovens inseridos na rede de tráfico de drogas. A entrada e permanência de jovens no tráfico é reconhecidamente um problema social de graves conseqüências, principalmente quando esse ingresso se associa ao aumento da violência e da criminalidade. Sobre a juventude, Arce (1999) aponta que a partir da década de 80 e, sobretudo, na década de 90 importantes mudanças se operaram nas culturas juvenis. A preocupação centra-se fundamentalmente na ausência de expectativas frente ao desemprego e a precarização da educação. Há ainda um agravamento das condições de vida em torno dos jovens pobres e moradores das favelas o que repercute em suas expectativas e aspirações frente ao futuro. O jovem surge como um reflexo das tensões sociais existentes (Feffermann,2006). No âmbito dos estudos sobre juventude, sabe-se que as trajetórias juvenis podem ser bastante heterogêneas entre si no que tange à escolarização e à inserção no mercado de trabalho. Há que se considerar neste particular a trajetória de jovens de camadas pobres envolvidos com a rede de atividades ilícitas e com o tráfico de drogas se colocando como um relevante problema social. Entende-se para efeito deste estudo que o processo de transição para a vida adulta é conseqüência de uma série de fatores que são considerados como um sistema. As trajetórias por sua vez implicam em diferentes decisões como abandonar a escola, arranjar um trabalho ou ficar sem fazer nada (Pais,1993). Para tomar suas decisões, os jovens levam em conta os diferentes aspectos do meio social, que assumem para eles valores distintos. São os aspectos de sua cultura, seus valores, aquilo que os guia e que serve de base e bússola cognitiva para as decisões que são tomadas (Pais,1993).Este trabalho parte do interesse em estudar as razões da entrada de jovens na rede do tráfico de drogas. Busca-se saber sobre o modo como os jovens se identificam com a rede do tráfico e os mecanismos que propiciam, respectivamente, a sua

entrada, permanência e saída do tráfico (Silva,2006). O estudo é decorrente da inserção do primeiro autor do trabalho como estagiário no Núcleo de Violência e Direitos Humanos do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro através do Programa “Rotas de Fuga”. O referido programa busca criar alternativas capazes de auxiliar o jovem que deseja se afastar do tráfico (Silva,2006). Criado em 2003, o programa se origina do diagnóstico sobre do perfil do trabalho de crianças e jovens envolvidos no tráfico realizado no Rio de Janeiro com 230 jovens e feito em parceria com o Observatório de Favelas e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Busca-se problematizar a idéia amplamente divulgada que está por trás do envolvimento e do consumo de drogas na adolescência de que os jovens que se envolvem com drogas “sofrem de alguma deficiência” (Klosinski, 2005) ou que seriam parte daqueles que indistintamente estão passando por conflitos. Há na literatura sobre adolescência uma estreita ligação entre juventude e crise, delinqüência, ou a idéia de adolescência como uma fase de intensos conflitos (idem). Quer-se, de modo distinto, trazer para o debate sobre os jovens envolvidos em atividades ilícitas, a necessidade de se considerar o pertencimento deles a determinados contextos sociais como fator importante para, por um lado, compreender a juventude em sua diversidade e, por outro, o próprio problema da adesão ao tráfico. A violência juvenil é um outro fator de grande relevância na discussão sobre jovens pobres envolvidos em atividades ilícitas, principalmente quando o número de homicídios de jovens, por confronto entre gangues ou com policias, denuncia uma guerra não declarada. Ressalta-se que no Brasil matam-se mais jovens do que em países em guerra declarada, entretanto, o percentual de crimes cometidos por jovens não chega a 20% do total de atos criminosos. Ou seja, de acordo com Barbosa e Souza (2005:59-60), “existem poucas pessoas envolvidas com atos criminosos nas grandes cidades brasileiras, diferentemente do pensamento hegemônico e estereotipado onde os jovens das favelas aparecem como criminosos em potencial ou como colaboradores de forças criminosas”. Terceiro, há ainda que se considerar, de acordo com Silva (2006:79) que a concepção dominante sobre os jovens pobres de que a única alternativa que sobra para os pobres e favelados é sua entrada no tráfico de drogas é uma concepção absolutamente problemática, pois que “apenas 1% da população está efetivamente envolvida com tráfico de drogas”. Para abordar o problema dos jovens envolvidos em atividades ilícitas toma-se a concepção de juventude de acordo com Pais (1993). Esse autor

considera que a juventude não pode ser compreendida apenas como um período marcado por determinadas características fixas. A noção de juventude deve ser entendida na sua diversidade e complexidade (Pais, 1993) com vistas a romper com a visão predominante que estigmatiza os jovens pobres e moradores das favelas ou de comunidades empobrecidas. Para abordar o tema em questão, em primeiro lugar realizou-se uma revisão dos termos adolescência e juventude, buscando-se traçar as possíveis similitudes e diferenças no âmbito da psicologia e das ciências sociais, entendendo-se que o uso dos termos se presta ao estudo de diferentes processos na transição para a vida adulta e que eles merecem ser esclarecidos, principalmente quando se trata da questão dos jovens dos segmentos populares. Sabe-se que um dos aspectos importantes sobre a dinâmica do tráfico é a trajetória singular dos que estão inseridos ou “empregados” na rede (Silva, 2006). Mas sabe-se também que as trajetórias desses jovens se relacionam com projetos, expectativas e realidades sociais e culturais distintas. Com nos auxilia Desser (1993:87) “vários elementos circunstanciais – como a situação familiar e biográfica, perspectivas e expectativas subjetivas e objetivas com relação ao futuro (...) contribuem para o maior interesse por determinados eventos na adolescência”. Ou seja, a discussão sobre a adesão dos jovens ao tráfico ganha nova visibilidade quando feita à luz das diferenças e condicionantes sociais. Assim, esta adesão pode representar respectivamente, por um lado, a possibilidade de uma mudança na identidade social, na medida em que sua inserção pode se transformar numa vantagem social, e por outro, numa franca perspectiva de realização de um projeto de futuro frente a um destino incerto e improvável. O trabalho do primeiro autor no projeto possibilitou a apreciação de alguns dados empíricos que sugerem a relevância da participação dos jovens no tráfico para suas identidades sociais. Observamos que muitos jovens oscilam no “desejo real” (categoria empírica) de afastamento das redes ilícitas e que muitas vezes a possibilidade de sair é acompanhada, nos termos dos jovens, de dificuldades. Eles muitas vezes dizem: “eu quero, mas é difícil”. A oscilação dos jovens demonstrada frente a permanência ou não na rede é no cotidiano um dos assuntos que mais mobiliza a equipe do projeto. Vemos a cada dia que apesar de todos os esforços para mudar o estado das coisas, as dificuldades presentes na vida destes jovens complicam sobremaneira a saída sustentável e definitiva da rede de atividades ilícitas. Esse trabalho, que faz parte da minha monografia, volta-se assim para analisar como e em que medida a

inserção de jovens no tráfico pode ser importante para o processo de constituição da identidade social e para a concretização de aspirações e projetos. O objetivo é compreender os acontecimentos que contribuem tanto para o ingresso quanto para a saída da rede do tráfico de drogas (Silva,2006). Busco entender melhor em que momento dá o início da entrada para a rede, como ela ocorre, quais os motivos alegados pelos jovens, suas perspectivas e aspirações, os motivos para a sua permanência e as perspectivas de futuro. Para tal, utilizo o estudo de trajetórias como estratégia metodológica. Fazem parte deste estudo jovens do sexo masculino entre dezoito e vinte e quatro anos, moradores da Nova Holanda, comunidade situada à margem da Av. Brasil, no Rio de Janeiro, que participam do Programa Rotas de Fugas, que já tenham saído da referida rede. Acredito que o melhor entendimento das dinâmicas presentes tanto na entrada quando na saída dessas redes possa contribuir para a construção de uma intervenção psicossocial mais específica no trabalho com estes jovens e na proposição de políticas públicas que possibilitem um maior enfrentamento desta problemática, de modo a favorecer tanto medidas preventivas quanto medidas que possibilitem uma saída sustentável e duradoura destas atividades. Há ainda a ambição de desconstruir os estereótipos de que os jovens pobres e moradores das favelas e comunidades são perigosos e aqueles que a entrada ou permanência se deve a fatores pessoais ou psicológicos.

Eixo: Ética, Violências e Direitos Humanos.

## **I - Introdução**

A visibilidade da juventude brasileira até os anos de 1960 estava restrita a jovens escolarizados da classe média que condensava e representava a condição juvenil (Abramo,2005). Entretanto, percebe-se houve nas últimas décadas uma migração no foco da atenção sobre a juventude, de modo que se antes a visibilidade estava sobre os jovens de classe média escolarizados, atualmente o foco da preocupação centralizou-se na questão das crianças e dos adolescentes em situação de risco social; a gravidade de tal questão desencadeou além de uma onda de pânico social, uma crescente mobilização em torno da

defesa dos direitos destes segmentos (p.38). Neste contexto, de acordo com Feffermann (2006), o jovem surge como um reflexo das tensões sociais existentes.

Esta problemática corrobora com o que Arce (1999) apontou em estudo sobre a juventude latino-americana, onde as múltiplas faces da juventude, na atualidade, definiram-se a partir da inédita centralidade dos jovens pobre, habitantes de favelas, cortiços e bairros populares. A preocupação centra-se fundamentalmente na ausência de expectativas frente ao desemprego e a precarização da educação. Havendo, ainda, um agravamento das condições de vida em torno dos jovens pobres e moradores das favelas o que repercute em suas expectativas e aspirações frente ao futuro.

Na atualidade, o envolvimento de jovens de camadas pobres com a rede de atividades ilícitas, em especial a do tráfico de drogas, transformou-se em um problema de saúde pública, principalmente na periferia dos grandes centros urbanos, tornando-se uma séria e persistente ameaça tanto a estes jovens quanto à estabilidade das estruturas e valores sociais. Principalmente, por ser o tráfico de drogas uma rede de poder paralelo ao do Estado, que se estruturou de maneira amplamente hierarquizada possuindo seu próprio plano de conduta, perpetuando um dos maiores mercados de atividades ilícitas existentes que arregimenta uma considerável quantidade de jovens e crianças para suas atividades.

Sobre os processos de violência nos grandes centros urbanos, Alba Zaluar aborda o uso político e seus conseqüentes efeitos quanto à distribuição e venda de cocaína nas comunidades menos favorecidas do Rio de Janeiro, é “uma forma visível e palpável da violência empregada pelo Estado, e que ela mascara uma violência estrutural-institucional mais oculta, ao mesmo tempo em que perpetua relações políticas neoclientelistas com essas comunidades de baixa renda” (1998:235).

## **II - Tráfico de Drogas como Trabalho Infantil**

Através da Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (nº 182) de 1999, a Organização Internacional do Trabalho enfatiza que muitas crianças e jovens estão envolvidos nas piores formas de trabalho infantil existentes e para tratar destas circunstâncias torna-se urgente a erradicação desse tipo de trabalho. O artigo terceiro desta convenção diz respeito particularmente ao presente trabalho, definindo que o “uso, obtenção ou oferta de uma criança para atividades ilícitas, em particular a produção e

tráfico de drogas, conforme definido nos tratados internacionais relevantes” como uma das piores formas de trabalho infantil.

A consequência deste envolvimento inflige considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, não sendo detidas por fronteiras, pois avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos. No Brasil, afeta jovens de diferentes grupos étnicos, em especial os negros e pardos, das classes sociais e econômicas mais prejudicadas. Dado relevante refere-se ao elevado índice de mortes por homicídios de crianças e adolescentes nos grandes centros urbanos, demonstrando ser a mais grave situação de violência letal.

Silva e Silva (2005) apontam que além de ser extrema, pois culmina em morte, “esse tipo de violência se inscreve no quadro de criminalidade e violência que afeta profundamente, em especial os grandes centros urbanos” (p. 57), de modo que no Brasil mata-se mais jovens do que em situação de guerras. A banalização da vida e o progressivo aumento do índice de assassinato de jovens brasileiros sinalizam, de acordo com Silva e Barbosa (2005), para a existência de um quadro comparado a uma guerra, pois que entre 1991 e 2000, o número de homicídios de jovens aumentou 76%.

Questão de importante relevância social, esta problemática adquire maiores contornos quando se identifica que, anualmente, uma maior quantidade de jovens com menos idade ingressa no mercado do tráfico de drogas, associando-se com crimes conexos, geralmente de caráter transnacional, com a criminalidade e a violência.

### **III - Ingresso na Rede do Tráfico de Drogas**

Quando analisados os motivos que facilitam o ingresso de jovens na rede do tráfico de drogas, entendendo este ingresso como algo além de uma mera questão de escolha, estão presentes questões referentes à evasão e baixo rendimento escolar, ao precário acesso à saúde, à baixa renda *per capita* familiar, à baixa escolaridade dos pais e fatores como a falta de perspectivas de vida. Neste sentido, identificamos trajetórias de jovens que devido aos seus contextos econômico-sociais optam por entrar no tráfico de drogas objetivando a solução de seus problemas imediatos. Entretanto, cabe salientar que proporcionalmente falando existem poucas pessoas envolvidas com atos criminosos nas grandes cidades brasileiras, diferentemente do pensamento hegemônico e estereotipado onde os jovens das

favelas aparecem como criminosos em potencial ou como colaboradores de forças criminosas (Barbosa e Silva, 2005).

Além dos facilitadores objetivos existentes no ingresso do jovem na rede do tráfico, estão presentes questões de ordem subjetiva. Visto que a maioria dos envolvimento com a rede do tráfico ocorre na adolescência, é importante ressaltar que esta fase é marcada pela existência dos mecanismos próprios à construção da identidade pessoal, caracterizada pela inflação do ego, sentimento de onipotência, prazer das descobertas e busca de novas redes de socialização. Além de questões como aquisição de status social e respeito na comunidade, identificações com figuras detentoras de poder pertencentes ao tráfico de drogas, destaque e prestígio entre as adolescentes, inserção no mercado consumista, possibilidade de sustento dos familiares e remuneração instantânea. O modo como os jovens se identificam com sua rede social é, portanto, de fundamental importância quando se discute sua entrada na rede do tráfico de drogas.

#### **IV - Objetivos e Metodologia**

Esse trabalho, parte da minha monografia, volta-se assim para analisar como e em que medida a inserção de jovens no tráfico pode ser importante para o processo de constituição da identidade social e para a concretização de aspirações e projetos. O objetivo é compreender os acontecimentos que contribuem tanto para o ingresso quanto para a saída da rede do tráfico de drogas. Compreendendo melhor o momento onde se inicia a entrada para a rede, como ela ocorre, quais os motivos alegados pelos jovens, suas perspectivas e aspirações, os motivos para a sua permanência e as perspectivas de futuro. Para tal, utilizo o estudo de trajetórias como estratégia metodológica. Por trajetórias entende-se a análise do *processo* de exclusão e de uma condição que se cristaliza. Busca-se descrever o quadro geral de vulnerabilidades e sua influência na história de vidas dos jovens que se inserem na rede. O estudo das trajetórias fornece os elementos essenciais para a compreensão das histórias dos jovens e seus destinos, realizado a partir dos elementos estruturantes das trajetórias anteriores de vida dos jovens e dos que configuram o cotidiano de vida dos jovens no tráfico. Os elementos anteriores são relacionado à família, escolarização, trabalho e violência. Os elemento do cotidiano diz respeito às redes de socialização e as atividades na rede. Fazem parte deste estudo jovens do sexo masculino entre dezoito e vinte e quatro

anos, moradores da Nova Holanda, comunidade situada à margem da Av. Brasil, no Rio de Janeiro, que participam do Projeto Rotas de Fugas. Acredito que o melhor entendimento das dinâmicas presentes tanto na entrada quanto na saída dessas redes possa contribuir para a construção de uma intervenção psicossocial mais específica no trabalho com estes jovens e na proposição de políticas públicas que possibilitem um maior enfrentamento à esta problemática, favorecendo a construção tanto de medidas preventivas quanto medidas que possibilitem uma saída sustentável e duradoura destas atividades. Há ainda a ambição de desconstruir os estereótipos de que os jovens pobres e moradores das favelas e comunidades são perigosos e aqueles que a entrada ou permanência se deve a fatores pessoais ou psicológicos.

## **V - Considerações Finais**

Problematizar o fenômeno da inserção de jovens na rede do tráfico de drogas, é sempre um grande desafio, visto ser necessário resgatar as políticas públicas direcionadas às camadas populares, o processo de surgimento das favelas, a criminalização de seus moradores e a reorganização do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, a partir das décadas de 70 e 80 com a ampliação do tráfico internacional de cocaína.

Compreendemos que a ausência de políticas públicas adequadas ao enfrentamento dos problemas encontrados pelos jovens dos espaços populares ocorre num eixo vertical e hierarquizado, desconsiderando-se os aspectos sócio-culturais e os processos característicos deste segmento da população. Logo, esta compreensão seria um dos primeiros passos para se entender que os processos de presentificação e a falta de perspectivas futuras associados aos fatores de precariedade estrutural que favorecem o ingresso dos jovens na rede do tráfico de drogas. Nesse sentido, o tráfico de drogas configura-se como uma rede empregatícia que em vários aspectos possibilita a estes jovens uma série de benefícios imediatos. Portanto, é imprescindível desnaturalizar a trajetória destes jovens com vistas a possibilitar a criação de alternativas capazes de promover uma saída sustentável desta rede de atuação.

## **Bibliografia**



- ABRAMO, Helen Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: \_\_\_\_\_ e BRANCO, Pedro Paulo. Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Instituto Cidadania / Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- CONVENÇÃO 182. Sobre proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação. Organização Internacional do Trabalho. Organização das Nações Unidas, 1999.
- FEFFERMANN, Marisa. Vidas Arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- FEGHALI, Jandira, MENDES, Cândido e LEMGRUBER, Julita (orgs.) Reflexões sobre a violência urbana: (In) segurança e (Dês) Esperanças. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- LANNES, Fernando Fernandes. Coletiva fornecida à imprensa para a divulgação da pesquisa “Caminhada de crianças, adolescentes e jovens no tráfico de drogas na Rio de Janeiro”. Observatório de Favelas, Rio de Janeiro, 2006.
- NETO, Otávio Cruz, MOREIRA, Marcelo Rasga e SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Nem soldados, nem inocentes. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2001.
- PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa, Portugal, 1993.
- SILVA, Helena Oliveira da Silva e SILVA, Jailson de Souza e. Análise da violência contra a criança e o adolescente segundo o ciclo de vida no Brasil. São Paulo: Global; Brasília: Unicef, 2005.
- SILVA, Jailson de Souza e BARBOSA, Jorge Luiz. Favela: alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2005.
- SILVA, Jailson de Souza. Sumário Executivo da pesquisa “Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro 2004 – 2006”, Rio de Janeiro, Observatório de Favelas, 2006.
- ZALUAR, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.